



Especial



CONTRA A COVID Com a imunização avançando nos grupos prioritários, cai a idade dos pacientes internados

Vacinação modifica perfil de pacientes

Com a vacinação contra a covid-19 contemplando os grupos prioritários, é possível verificar uma mudança no perfil de internamentos e casos graves da doença em Pernambuco: redução de 40,2% de novas internações de pessoas com idades acima de 60 anos, até o último dia 9 de junho. Os dados mostram que acelerar a vacinação terá impacto direto no controle da pandemia, na redução do número de casos e, conseqüentemente, no número de mortes pela doença. O Brasil superou as 500 mil mortes por covid-19 e a imunização ainda avança lentamente nos demais grupos populacionais, mas os resultados no primeiro público protegido já podem ser percebidos.

“A gente começa a observar um perfil de mudança nos indicadores epidemiológicos. Houve uma redução dos internamentos na faixa etária acima de 60 anos e um aumento dos casos de covid-19 em pessoas com idades entre 40 e 60 anos. Nossa principal esperança são os resultados anunciados pelos fabricantes das vacinas, e que tenho visto em alguns pacientes que acompanhei, de que mesmo quando a pessoa se infecta, se já está vacinada, a tendência é que desenvolva a forma menos grave da doença”, explica Danylo Palmeira, infectologista do Hospital das Clínicas da UFPE/Ebserh.

Palmeira ressalta que a covid-19 é uma doença muito incerta e que 20% dos casos de internamento têm possibilidade de agravamento. “É uma doença que frustra o médico assistente e as equipes de saúde, pois a intervenção é um caminho às escuras e às vezes uma ação que funciona para uma pessoa não funciona para outra. Por isso são importantes a prevenção e a vacinação”, complementa o infectologista, lembrando que medidas como o distanciamento social e o uso de máscaras são importantíssimas para conter o avanço do novo coronavírus.

“O Brasil está pagando um preço muito alto por uma condução errada das autoridades na epidemia. O uso de máscara e o distanciamento social devem ser mantidos até termos pelo menos 80% da população vacinada. As equipes de saúde estão todas muito cansadas. Parece que estamos lidando com um balde furado, de dar alta e internar pacientes. Depois de mais de um ano, temos conhecimento do que é eficiente para evitar a propagação do vírus e não ver as medidas serem tomadas, dá um desânimo”, confessa o médico.

Palmeira explica que, possivelmente, a covid-19 será uma doença endêmica, que demandará vacinação anual, assim como a gripe, cuja vacinação ocorre sempre entre os meses de abril e junho. No caso da influenza, as vacinas são atualizadas para combaterem principalmente as variantes do vírus mais comuns no ano anterior.

É importante ressaltar também que o esquema de imunização precisa ser completado – com as duas doses exigidas pela maioria dos fabricantes (no Brasil, entre as vacinas aprovadas, apenas a Janssen tem dose única). “A eficácia é com o esquema vacinal completo. Temos diversos estudos que mostram a eficiência das vacinas. Na cidade de Serrana, em São Paulo, houve um declínio significativo de 75% dos casos graves quando 75% da população foi vacinada com a primeira dose da Coronavac – mostrando que ela é bastante eficaz. Vacina boa é a vacina que tiver na hora que você for se imunizar”, defende Danylo Palmeira.

O infectologista coloca em cada pessoa a responsabilidade de proteger o outro: “Quem não se vacina coloca em risco quem está do lado. Existe, principalmente nos Estados Unidos, um movimento antivacina – que defende a imunidade natural. Essas pessoas não entendem que não adianta elas assinarem um termo se responsabilizando pela própria saúde. Ao não se vacinarem, elas podem favorecer a propagação de diversas doenças graves, muitas já praticamente extintas, colocando em risco a saúde coletiva. O poder da vacinação ocorre na saúde individual e na saúde coletiva”, finaliza.



LEANDRO DE SANTANA/PIG



DOZE MESES Especialistas acreditam que covid-19 será uma doença endêmica, que demandará vacinação anual, assim como já acontece com a gripe

INFECTOLOGISTA Prevenção e vacinação são armas contra a covid-19, diz Danylo Palmeira

Confira os principais tipos de vacinas

Com vírus inativado – No Brasil, há a **Coronavac**, é esperada a Covaxin e está sendo testada a ButanVac. Estudo com a Coronavac na cidade de Serrana (SP) mostrou que a vacinação de 75% da população levou à imunidade de rebanho e os casos graves e internações caíram drasticamente.

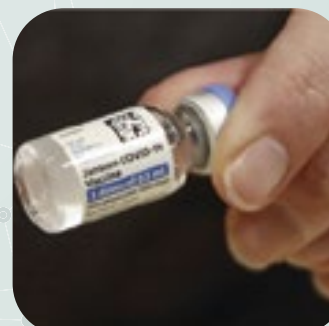


Com vírus atenuado – Mexe geneticamente no vírus e, a partir dessa alteração, ele não consegue se reproduzir. Por enquanto, não há fabricante produzindo este tipo de vacina, pois a técnica é mais demorada de ser desenvolvida e exige mais etapas.



Com ácido nucleico (DNA E RNA) – Não existem vacinas de DNA aprovadas contra o novo coronavírus. A **Pfizer** e a Moderna usam essa técnica – uma proteína do RNA do vírus produz uma reação de anticorpos no organismo, criando uma memória de defesa intensa e rápida, que evita a infecção.

Com vetor viral – Também utiliza o RNA de vírus enfraquecido, que não se reproduz no organismo, mas gera resposta de defesa do sistema imune. Utilizam essa técnica a **AstraZeneca**, a **Janssen** – única aprovada no País com imunização em dose única – e a Sputnik V.



Com subunidades proteicas – Usa a proteína do vírus para criar a resposta de defesa do sistema imune humano. São consideradas as mais seguras, pois não há replicação de organismos. Não há vacinas deste tipo aprovadas no Brasil. Dois imunizantes produzidos em Cuba usam a técnica.

Baseada em VLT (Virus like particle) – Tipo de vírus sem material genético feito em laboratório. Apenas uma vacina usando esta técnica está na Fase 3. Sem aprovação no Brasil.

Imunizantes: eficiência comprovada

O Brasil, atualmente, está aplicando contra a covid-19 vacinas de quatro fabricantes diferentes. São elas: Coronavac, Astrazeneca, Pfizer e Janssen. Está aprovada e deve começar a ser aplicada ainda a vacina Sputnik V. Também entrou em fase quatro de testes a vacina Butanvac, do Instituto Butantan – com expectativa de em breve ser aprovada e entrar no espectro de vacinação contra o novo coronavírus, sendo mais um forma de controle da pandemia que já matou mais de 500 mil pessoas no País.

Falando assim, pode parecer que para quem será imunizado são muitas as opções. Na prática, a orientação é tomar a vacina que for oferecida na unidade de saúde na hora que chegar a sua vez. Todas passaram por pelo menos cinco fases de produção e testes e foram autorizadas por autoridades sanitárias e de saúde de vários países. Se chegaram até você, é porque são eficientes para combater o vírus.

Seria então possível dizer que existem vacinas mais vantajosas que outras em termos de imunização? O pesquisador do Departamento de Virologia da Fiocruz Rafael Dhália diz que não. Na verdade, a diferença está na tecnologia usada para alcançar o imunizante. Se a vacina foi aprovada, a eficácia dela está comprovada cientificamente.

O pesquisador defende ainda o cuidado em não se deixar levar por informações imprecisas ou superdimensionadas. “O risco de trombose em pessoas imunizadas com Astrazeneca, por exemplo, é de 0,0004 casos por 1 milhão de pessoas. Um risco muito baixo. Para se ter uma ideia, uma mulher em idade fértil que usa anticoncepcional tem 0,05% de chance de ter uma trombose, podendo chegar a 0,12%. Se for fumante, esse risco sobe para 0,18%. A chance de uma pessoa infectada com covid-19 ter uma trombose é de 16,5%. Por isso, digo claramente: não acredite em fake news. Quando chegar a sua vez, tome a vacina oferecida no posto de saúde”.



PÁGINA CERTIFICADA
EDITORA JORNAL DO COMMERCIO LTDA
Garante a autenticidade deste documento quando visualizado diretamente no site www.jc.com.br